

hojemacau



ARNALDO GONÇALVES SOBRE A DEMOCRACIA EM MACAU

“Saltar etapas é perigosíssimo”

O livro sobre o pensamento do filósofo italiano Norberto Bobbio é apresentado amanhã na Fundação Rui Cunha. Liberdade, igualdade, democracia e o sucesso da autonomia das duas regiões especiais dentro de um Estado socialista são algumas das questões abordadas pelo académico que vê no movimento Occupy Central um modelo de “pura anarquia e radicalismo extremo”.

▶ **h** PÁGINAS 14-17



CONSTRUÇÃO
O misterioso conceito de sub-empregado

▶ POLÍTICA PÁGINA 4

TABACO
Não há fumo para ninguém

▶ SOCIEDADE PÁGINA 7

RAEM 15 ANOS 2003-2005
Da gripe das aves ao brilho do Jogo

▶ PÁGINAS 2-3



ANDREIA SOFIA SILVA E CARLOS MORAIS JOSÉ
ANDREIA SILVA@HOJEMACAU.COM.MO / INFO@HOJEMACAU.COM.MO



CONÇALO LOBO PINHEIRO

Arnaldo Gonçalves, académico, sobre o novo Governo

“NÃO DÁ PARA PERCEBER QUE ALGUÉM TENHA SIDO IMPOSTO POR PEQUIM”

Arnaldo Gonçalves apresenta amanhã o livro “Norberto Bobbio – A Tradição Europeia da Liberdade”, uma edição da COD, pelas 18h30, na Fundação Rui Cunha. Aqui aborda o pensamento do filósofo italiano, espelhado numa análise do estado da democracia em Macau e Hong Kong

Como é que surgiu o primeiro contacto com Norberto Bobbio e o interesse em trabalhar os seus escritos?

É simples. Tirei o mestrado em Ciência Política na Universidade Católica Portuguesa, entre 1999 e 2002. E no curso de Ciência Política esperava-se que os mestrandos, na parte final, escolhessem um autor para fazer a sua dissertação. O Instituto de Estudos Políticos é muito virado para os autores anglófonos. Ora eu achei que sendo europeu, com cultura mediterrânica, devia escolher um autor que me dissesse mais alguma coisa. Bobbio apareceu porque li a sua biografia e gostei muito da forma aberta como ele sumariou a sua carreira e as suas incertezas intelectuais. É um homem que faz

uma combinação muito original entre o socialismo democrático e o liberalismo e achei realmente que era o autor [a escolher]. Na altura, tirei seis meses só para me dedicar a isto. Fui para o Algarve, para casa de uns amigos, peguei nos livros dele e pensei: “em vez de me dedicar apenas a um aspecto, porque não fazer uma retrospectiva da obra dele nas várias dimensões do seu pensamento?”. E saiu a tese, que deixei adormecer, entre 2002 e agora.

Chama-lhe “A tradição europeia da liberdade”. A tradição da liberdade é só europeia?

Não. A tradição da liberdade não é só europeia, mas para mim a ideia de liberdade

nasceu na Europa. Com os gregos, romanos, a Renascença, o Iluminismo, o rompimento com a Igreja, a separação das coisas do Estado e da religião, tudo isso

A LIBERDADE NO SENTIDO DA AUTO-DETERMINAÇÃO, DO INDIVÍDUO COM LIVRE ARBÍTRIO, NASCEU NA EUROPA, POR ISSO É QUE EU ACHO QUE HÁ UMA ANCORAGEM EUROPEIA DA LIBERDADE

aconteceu na Europa. E dali veio para todo o mundo. A liberdade no sentido da auto-determinação, do indivíduo com livre arbítrio, nasceu na Europa, por isso é que acho que há uma ancoragem europeia da liberdade. E Bobbio foi um autor na tradição europeia, é difícil ancorá-lo a uma determinada escola, porque é um pensamento híbrido, com várias influências. É um italiano, temperamental.

Mas o conceito de liberdade é fundamental no seu pensamento?

Acho que o conceito de liberdade é o primeiro no pensamento dele. É um homem liberal e só depois socialista. A tese, a linha principal do meu livro, é a conjugação dos metavalores entre a liberdade

PARA SE TER MUITA LIBERDADE, TEM DE SE NEUTRALIZAR A IGUALDADE. PARA SE TER MUITA IGUALDADE, TEMOS DE ESMAGAR A LIBERDADE. PRECISAMOS DE AS COMBINAR. UM BOCADINHO DE UMA E DE OUTRA. E O GRANDE PENSAMENTO DE BOBBIO É QUE SÓ A DEMOCRACIA REPRESENTATIVA O CONSEGUE

e a igualdade, é uma conjugação difícil. Porque em cada um deles, se anula o outro. Para se ter muita liberdade, tem de se neutralizar a igualdade. Para se ter muita igualdade, temos de esmagar a liberdade. Precisamos de as combinar. Um bocadinho de uma e de outra. E o grande pensamento de Bobbio é que só a democracia representativa o consegue.

Mas para Norberto Bobbio a democracia é composta por várias componentes, não é só a liberdade de expressão ou as eleições.

Não. Para ele a democracia é um sistema de regras que permite viver em paz e em harmonia numa determinada sociedade. A única coisa que a sociedade pode querer é que haja um consenso sobre essas regras. Qual é o projecto de vida de cada um? O projecto de transformação da sociedade é para cada pessoa em si, a sociedade não tem de se meter nisso, porque senão esmaga a liberdade. Quando eu quero dizer: "não, a sociedade dirige-se ao socialismo, à planificação privada, à ditadura do proletariado"...

Ou também à privatização...

Ou então à privatização absoluta, à anarquia, ao capitalismo mais selvagem. Estou a asfixiar quem na outra ponta do espectro pense de maneira diferente. Para ele a democracia sempre foi um Estado, um Governo legítimo, na tradição europeia da liberdade, que não tem de se pronunciar sobre os outros, tem de assentar quais são as regras essenciais do funcionamento da sociedade, com uma Constituição, mecanismos eleitorais, o controlo do poder político pelos média, pelo Parlamento, pela opinião pública.

Mas vamos pegar num caso concreto: aplicar os componentes democráticos, como os define Bobbio, ao caso de Hong Kong. O que é que falta para considerarmos um sistema democrático em Hong Kong?

Não há democracia em Hong Kong nem pode haver. Mas Hong Kong é um caso específico, não é um país, é uma RAE de um país e esse país tem um Governo monolítico, de um só partido. É uma ditadura do proletariado, uma ditadura socialista, e Hong Kong é uma parte desse sistema global e não se pode distanciar dele.

Mas há um segundo sistema. Acha que não funciona?

Foi Deng Xiaoping que teve essa visão ao perguntar: "Como é que eu consigo obter a integração destes dois espaços que foram dominados por estrangeiros?", sem perder a imagem que entretanto a China tinha no mundo, de um país emancipado, que se desamarrou das amarras do socialismo e do sistema maoísta. "Como é que eu faço isso e ao mesmo tempo não afugento os investidores e não ponho na cabeça das pessoas que o que vai acontecer é uma socialização do regime político e de um regime social?" E foi o que foi feito. Hong Kong e Macau é o que temos. São dois exemplos de sucesso de autonomia dentro de um Estado socialista. Que eu me lembre não há outro exemplo na história, de estarmos num sistema de liberdades e garantias, como

há na Europa e nos Estados Unidos, de dizermos o que pensamos.

E isso existe em Hong Kong? Existe.

Então o que é que não existe para haver democracia?

O que não existe é a capacidade jurídica e constitucional dos *hongkongers* elegerem os seus próprios governantes. Isso não existe. A Lei Básica define como é o processo eleitoral do Chefe do Executivo.

Se aplicássemos a grelha Bobbio neste caso...

Não era democracia.

Unicamente porque falta essa capacidade eleitoral...

Falta a capacidade de concorrer em eleições abertas e competitivas de forma aberta, geral e universal, porque não há possibilidade de apresentar verdadeiras alternativas que não sejam as alternativas de direcção, da Comissão Eleitoral venha a definir e a escolher. É uma escolha viciada à partida. Nesse aspecto não se pode falar de democracia, porque os *hongkongers* não elegem de forma livre e democrática os seus representantes. A própria combinação dos membros do

HONG KONG E MACAU É O QUE TEMOS. SÃO DOIS EXEMPLOS DE SUCESSO DE AUTONOMIA DENTRO DE UM ESTADO SOCIALISTA. QUE EU ME LEMBRE NÃO HÁ OUTRO EXEMPLO NA HISTÓRIA, DE ESTARMOS NUM SISTEMA DE LIBERDADES E GARANTIAS, COMO HÁ NA EUROPA E NOS ESTADOS UNIDOS, DE DIZERMOS O QUE PENSAMOS

LEGCO eleitos directa e indirectamente vicia a situação e não permite uma verdadeira representatividade. Mas eu defendo que não pode haver democracia em Hong Kong e Macau sem haver primeiro na China. As coisas estão de tal maneira interdependentes, os destinos dos dois territórios estão de tal maneira ligados à China, enquanto não houver uma abertura democrática na China – não no sentido do que podemos chamar de uma democracia americana e europeia – mas em que haja vários partidos a concorrer, com voto livre sem condicionamento. E haver o que Bobbio disse muitas vezes e o que para mim caracteriza a democracia: a possibilidade de demitir o Governo sem derramamento de sangue. É isso que existe na democracia e que não existe nesses regimes. Como é que se demite o Governo na China?

Aplicava o mesmo modelo de democracia a todas as sociedades?

Não há um modelo único de democracia.

Mas há um modelo de democracia ocidental que o próprio Bobbio preconiza. Aplicava-o a todos os Estados ou regiões, por exemplo em Macau?

Não. Mas em Macau acho que era possível e em Hong Kong também. Porque o legado dos anos em que estes territórios foram administrados por governos europeus deixou maneiras de funcionar e idiossincrasias que não existem noutras sociedades. Acho que a democracia era desejável para Macau, que se deve fazer tudo para que ela seja possível, que esse é um processo gradual e que não se devem saltar etapas, o que é perigosíssimo. Não sou um pessimista e acredito que mais tarde ou mais cedo a China vai abrir ao mundo e vai haver uma transformação do sistema político. Mas não no modelo



(Continua na página seguinte)



americano ou alemão, mas no modelo da China. Estes dois territórios podem dar um contributo muito sério na reflexão sobre o sistema político. Mas não posso tomar como exemplo o que aconteceu com o Occupy Central e esperar que esse seja um modelo de democracia. Não é coisíssima nenhuma, é um modelo de pura anarquia e de radicalismo extremo, com estudantes numa situação muito complicada. Admira-me não ter havido mortes nesta situação. O homem pode ser o pior Chefe do Executivo (CY Leung), mas teve muito bom senso. Não via muitos primeiros-ministros na Europa a ter a presença de espírito dele e do Governo chinês. De não intervir, de não mandar a polícia de choque.

Falou que não se devem saltar etapas no processo democrático em Macau. Em 2012 houve uma reforma política, qual deve ser a próxima etapa?

As primaveras árabes deram o sinal de que modelos políticos muito acabados, muito padronizados, aplicados a contextos culturais que nada têm a ver com ele, produzem mecanismos de regressão social e política a soluções de saída que são piores. Veja-se o exemplo dos países do Norte de África. Foram modelos impostos por fora e não foram sentidos pelas populações e vanguardas, as elites que criam os movimentos. É por aí que tem de se começar. Um Parlamento à Europeia se calhar aqui não faz sentido. Aqui nesta região se calhar faz sentido um movimento híbrido, com uma câmara aberta na base eleitoral, uma câmara alta eleita segundo o género do Senado, mas tem de ser um processo social a criar esses mecanismos. Não podem ser coisas impostas de fora. Portugal tem tido muito bom senso em toda esta situação, nunca vi nenhum primeiro-ministro ou MNE ou Presidente da República a opinar sobre o Occupy Central, mas vemos o governo britânico, infelizmente, a tomar posições completamente inadequadas que criam mecanismos de rejeição muito perigosos. Terão de ser coisas feitas nos bastidores, não podem vir mensagens para a praça pública a dizer que a China está a ser ditatorial em relação a Hong Kong, o que até nem é verdade.

ACHO QUE A DEMOCRACIA ERA DESEJÁVEL PARA MACAU, QUE SE DEVE FAZER TUDO PARA QUE ELA SEJA POSSÍVEL, QUE ESSE É UM PROCESSO GRADUAL E QUE NÃO SE DEVEM SALTAR ETAPAS, O QUE É PERIGOSÍSSIMO

E como é que se poderiam aplicar as teorias de Bobbio a Macau, partindo do princípio que existe um ligeiro atraso no processo democrático em relação a Hong Kong?

Parto da mesma premissa: sem mudar o sistema político na China, é impossível mudar o sistema político em Macau. Mas Bobbio também fazia uma caracterização muito interessante dos regimes autoritários e dos regimes ditatoriais, que não são a mesma coisa. Na China temos um regime autoritário. O que é que se poderia fazer? Modificar o sistema político, no sentido de uma maior representatividade dos grupos sociais. Podia-se dar passo e passar das meras associações, porque não se percebe muito bem quais são os objectivos de algumas associações, para partidos políticos. Permitir que os partidos políticos definissem programas eleitorais.

Acha que Macau tem um mercado político para isso?

É capaz de não ter.

Mas não apenas político mas também económico, pois sabemos que as democracias ocidentais são baseadas em partidos políticos com ligações a lobbies económicos que os apoiam. Aqui, com o poder extremo do Jogo na economia, parece impedir o aparecimento de outros lobbies que possam suportar essas tendências políticas. Corre-se o risco de um casino investir cem milhões de patacas num candidato e levá-lo à vitória.

Mas pode ser um casino ou um partido. O partido comunista também tem dinheiro suficiente para investir. O Bobbio também não tem uma visão marxista dos conflitos dentro da sociedade e não faz essa segmentação dos interesses. Acho que os lobbies existem em qualquer sociedade moderna, quer nós queiramos quer não. A obrigação dos Governos é regular o seu funcionamento, mas deixá-los funcionar. No sistema americano os lobbies compensam-se uns aos outros. E alguns lobbies são importantes porque impulsionam certas dinâmicas na sociedade. Mas tem de haver uma regulamentação. Aqui em Macau é esse o problema: ninguém os regula. Há o lobby das famílias, há o lobby dos casinos e dos interesses americanos. Há os interesses do Partido Comunista. Portanto deveria haver um quadro legal que definisse o balanceamento da intervenção desses grupos que existem e vão existir. Nem num regime autoritário é possível acabar com os lobbies.

Uma das características da democracia também é a transparência governativa. Acredita que o novo Governo de Macau nos vai, também por "influência externa", dar mais passos no

ARNALDO GONÇALVES



NÃO POSSO TOMAR COMO EXEMPLO O QUE ACONTECEU COM O OCCUPY CENTRAL E ESPERAR QUE ESSE SEJA UM MODELO DE DEMOCRACIA. NÃO É COISÍSSIMA NENHUMA, É UM MODELO DE PURA ANARQUIA E DE RADICALISMO EXTREMO, COM ESTUDANTES NUMA SITUAÇÃO MUITO COMPLICADA

caminho da transparência? Ou os lobbies não vão deixar?

A transparência é uma exigência de funcionamento de qualquer sociedade moderna, independentemente de qualquer regime ou modelo económico. E o Bobbio trata isso muito bem nas páginas de "O Futuro da Democracia", quando recusa o conceito de *crise da democracia*, que na altura estava em voga. Ele opõe a isso as *promessas não concretizadas* da democracia. E entre as seis ou sete promessas não concretizadas uma é a questão dos poderes ocultos e da falta de transparência nas sociedades. Esse período (década de 70, 80) é terrível em Itália – Brigadas Vermelhas, a morte do Aldo Moro, líder da Democracia-Cristã. Há um esforço das democracias mas esse é sempre um processo evolutivo, não há um sistema perfeito. Acho que em Macau esse esforço de transparência está-se a fazer devagarinho mas é preciso aprofundar-se. Se tivéssemos de aplicar o livro do Bobbio à política local e se o dr. Chui Sai On quiser ficar na história, com uma impressão positiva, deve apostar no último mandato que tem para reforçar a transparência na sociedade de Macau. Se ele achar que não vale a pena, esse combate é uma questão de somenos. A confusão entre os actores políticos e os interesses económicos vai continuar nos próximos cinco anos, é o que eu prevejo. Até porque ele teve essa visão e fez uma equipa à maneira dele, como queria. Agora ficou claro para mim que há um homem chamado Chui Sai On e que ele tem uma equipa coadjuvante num só sentido. Essa situação de absoluto

desnorte tem de acabar sob pena de não irmos a lado nenhum. O desafio de Chui Sai On é criar uma nova geração.

Considera então que esta equipa governamental é mais à imagem de Chui Sai On do que a anterior?

É uma equipa à imagem dele, que eu creio que lhe é fiel e leal, porque ele os escolheu a todos. Não dá para perceber que alguém tenha sido imposto por Pequim na actual equipa dos Secretários.

Nem mesmo Sónia Chan Hoi Fan, já que houve algumas vozes que disseram que a sua nomeação se deveu à sua posição no caso do "referendo civil"?

É um argumento demagógico de quem o usou e perdeu esse combate e que quer extrair ilações políticas disso e não consegue. Sónia Chan não era publicamente conhecida junto dos *opinion makers*, de segunda ou terceira linha, sem um grande carisma. Se foi escolhida, foi por alguma razão. Penso que vai ter uma enorme capacidade. Chui descobriu a equipa que é necessária para Macau neste momento, que conhece os problemas e que é capaz de os atacar.

As elites em Macau são tendencialmente conservadoras. Acredita que querem de facto uma mudança?

As elites galvanizam a sociedade para atingir alvos. Macau tem várias elites, pode-se falar de uma elite política ou económica, que domina os negócios e a estrutura do Governo, a distribuição dos contratos. Mas começa-se a formar uma elite da juventude que ocupa o terreno, vai à batalha política, mobiliza, galvaniza e mostra uma força que nos últimos anos me tem surpreendido.

E têm poder suficiente?

Sim, para mobilizar. Mas têm vários defeitos: a desorganização, falta de estrutura, de clareza do programa político. Falta de maturidade e de liderança. Mas todos começaram assim. A formação dos partidos políticos para a democracia, em Portugal, foi assim. Macau vai por aí, mas dê-se tempo ao tempo.

Disse que a ideia de liberdade nasceu na Europa. E hoje, há várias liberdades?

Há uma liberdade primeira, a fundamental: a liberdade de você se auto-determinar e escolher o projecto de vida que é o melhor para si. A liberdade de política, de expressão, de formação de partidos vêm todas depois. As outras podem desaparecer, mas se essa liberdade auto-determinada desaparecer, é um Estado sem liberdade. É uma ditadura e foi essa a ditadura contra a qual o Nobbio batalhou – contra Mussolini, foi preso duas vezes – e procurou que na sua geração não se viesse a repetir. Por isso é que o contributo dele para o debate das ideias é fundamental.

BOBBIO E A ESQUERDA LIBERAL

" **A** reflexão sobre a nossa condição de europeus e filhos do Iluminismo regressa sempre ao nosso espaço vital, umas vezes como inquietude, outras vezes como promessa e esperança. Somos diferentes de outros povos pela maneira de estarmos e de reflectirmos, por uma forma muito laica e ao mesmo tempo espiritual de nos interrogarmos porque estamos aqui e qual é o projecto finalístico da nossa vida terrena. Só assim se explica a forma apaixonada como teorizamos sobre o problema do ser e do estar, isto é, a condição humana, tentando ficcionar relações de causa e efeito e mesmo construções ideológicas que nos permitam confrontar o presente e antecipar um futuro, ao nosso jeito. Perseguimos uma dimensão vivida de felicidade na Terra acreditando que algures no trajecto conseguiremos realizar aqui, neste nosso tempo, esse outro jardim bíblico, emancipando-nos das nossas dificuldades e fraquezas. Esquecemos, porventura, que os projectos utópicos que surgem de tempos a tempos no pensamento europeu são irrealizáveis porque sendo perfeitos na prancha revelam-se, na prática, um absurdo e por vezes uma tragédia horrenda.

Este livro é sobre um dos intelectuais mais importantes da esquerda europeia da segunda metade do século XX, Norberto Bobbio. Uma figura cuja reflexão intelectual sobre a política, a sociedade, o Estado e o papel dos intelectuais emergiu no meu caminho quando no mestrado

em ciência política tive de escolher um filósofo sobre que elaborar a dissertação.

Dos vários perfis possíveis a que pudesse trazer alguma novidade de análise foi o de Bobbio que rapidamente se me apontou. Italiano, professor de direito, resistente à ditadura e depois liberal 'de esquerda', Bobbio foi a escolha mais evidente pelas circunstâncias do tempo de transição que viveu, de forma apaixonada e militante. A sua capacidade de como 'homem de esquerda', reflectir sem preconceitos ideológicos nos problemas da sociedade, de perspectivar a tensão permanente entre as várias concepções de vida e sociedade, de olhar de forma objectiva o fracasso do revolucionarismo marxista tornam-no um caso singular no panorama intelectual europeu da segunda metade do século XX.

A própria noção de 'liberal-socialismo' que o caracteriza é uma simbiose imperfeita entre as grandes correntes do liberalismo e do socialismo que marcam a história moderna da Europa. E a questão não está se o projecto político que o grupo de intelectuais que integrou teve ou não sucesso político no panorama político-partidário italiano, mas que muitas das questões que tratou tiveram eco no debate dos partidos socialistas e social-democratas sobre o que é a Esquerda. Debate inacabado perante o recuo da social-democracia, a nível europeu, e a afirmação em contraponto de projectos políticos extremistas, à esquerda e à direita."

(Do Prefácio)

